

4.º conc. série nacional

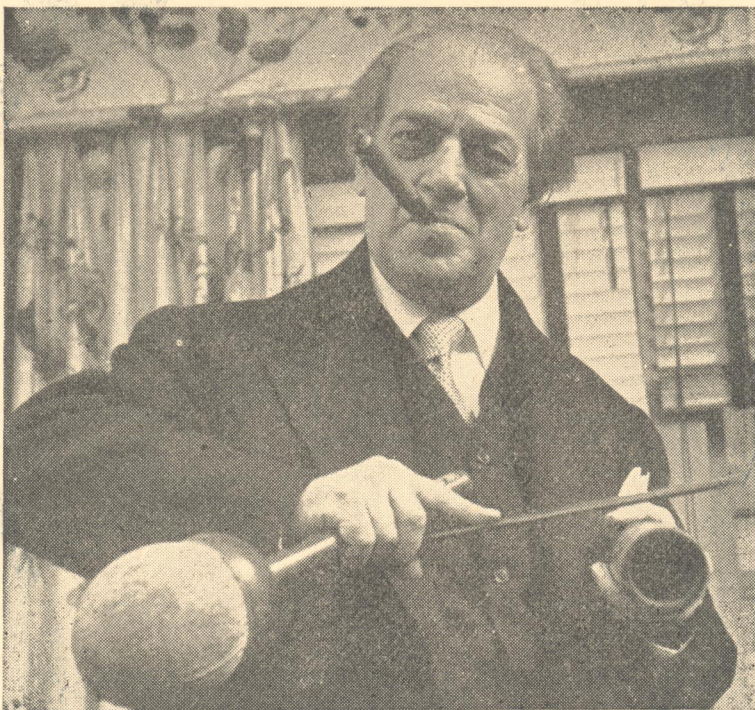
23/8/1958

16,30 horas

TEATRO  
MUNICIPAL

Orquestra  
Sinfônica  
Brasileira

1958 - 18.<sup>a</sup> Temporada  
4.º CONCERTO DA  
SÉRIE NACIONAL



HEITOR VILLA LOBOS

# Heitor Villa Lobos

A “Série Nacional” de concertos da Orquestra Sinfônica Brasileira, organizada sob o alto patrocínio do Ministério da Educação e Cultura, vê-se hoje prestigiada pela presença do nosso grande Villa Lobos — glória legítima da música brasileira e universal de todos os tempos.

Villa Lobos nasceu no Rio de Janeiro a 5 de março de 1887. Seus primeiros conhecimentos musicais recebeu-os de seu pai, que perderia aos 12 anos de idade. Frequentou em seguida os grupos de “chorões”, seresteiros boêmios que tão apreciável contribuição trouxeram para a música brasileira. Ao mesmo tempo, aperfeiçoava-se nos estudos do violoncelo, do clarinete e do saxofone.

Aos 18 anos, Villa Lobos percorreu o Brasil como concertista, aproveitando todas as oportunidades para conhecer as canções e danças populares, os instrumentos primitivos do Brasil, a alma do nosso povo. Esse contato despertou no jovem músico um profundo sentimento nacionalista, que orientou a sua formação como compositor.

Em 1915 realizava-se no Rio de Janeiro o primeiro concêrto dedicado às obras de Villa Lobos. O sentido nacionalista de sua orientação estética e o aspecto inovador de sua criação provocaram, não raro, críticas violentas por parte dos espíritos conservadores, incapazes de compreender os caminhos novos que Villa Lobos apontava. “Villa Lobos escreve Vasco Mariz — criou a música nacionalista no Brasil, despertou o entusiasmo de sua geração para o opulento folclôre pátrio, traçou, com linhas vigorosas, a verdadeira brasilidade sonora. A obra de Villa Lobos representa o sólido alicerce sôbre o qual os jovens com-

positores estão construindo um templo monumental”.

Em 1922, Villa Lobos participava, com a intensidade que o caracteriza, da Semana de Arte Moderna — movimento que reuniu os líderes intelectuais do Brasil e que traçou novos rumos para a criação artística brasileira. “*Não desejamos ser gregos, nem romanos, nem franceses, nem italianos, nem portugueses, nem espartanos* — escrevia Ronald de Carvalho. *Pesa sôbre nós a fatalidade do grandioso. Nossa alma é um eterno conflito de raças diferentes, dominadas pela brutalidade cósmica do ambiente em que nos movemos. Para trás, portanto, as gentilezas de certo arcadismo falso que tem desviado as correntes de nossa imaginação. O Brasil não é o caboclo falsificado na cidade, nem o verso alexandrino de Leconte de Lisle, nem as imitações de Marinetti ou de Cocteau. O Brasil é o ferro, é a pedra, é o ouro, é a floresta. O Brasil é a terra cheia de sol, é a energia de um homem novo, que, recebendo o sangue das mais vigorosas raças do Universo, tem uma inadiável missão a cumprir: a de criar com voz única, nascida de um concêrto de vozes encontradas e díspares. O Brasil é o tumulto, a imensidade, o transbordamento”.*

O sentido épico que transparece dessas palavras de Ronald de Carvalho encontrou em Villa Lobos a sua correspondência mais exata no plano criador. A obra de Villa Lobos, por seu volume e sua significação histórica e artística, constitui uma verdadeira epopéia, a primeira afirmação da grandiosidade do gênio musical brasileiro em toda a sua extensão.

A partir de 1922, a obra de Villa Lobos começou a projetar-se no ce-

nário universal como uma das mais importantes contribuições para a arte musical contemporânea. Viajando então pela primeira vez à Europa, Villa Lobos travou conhecimento, durante a sua longa permanência em Paris, com as mais destacadas personalidades do mundo musical — entre as quais Florent Schmitt — falecido há uma semana, Ravel, Roussel, Vincent D'Indy, Pierre Monteux, Stokowsky, Koussevitzky, Casals, Manuel de Falla, Arbós, Tomás Terán — que viria a ser um dos mais destacados mestres de toda uma geração de pianistas brasileiros, Frokofieff, Casella, Cortot, Enesco, Malipiero e muitos outros.

Regressando ao Brasil em 1930, Villa Lobos iniciou um dos movimentos mais importantes em prol da difusão musical entre os jovens, criando as bases para o ensino do canto orfeônico nas escolas e organizando as memoráveis concentrações orfeônicas em que se reuniam milhares de estudantes. Fundou, a esse tempo, a Academia Brasileira de Música, que preside até hoje. Criaria ainda o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, que dirige, com a finalidade de formar professores de música para as escolas de todo o Brasil.

A obra de Villa Lobos, aclamada em todo o mundo, incluída no repertório dos maiores intérpretes, gravada e editada em inúmeros países, é uma das mais generosas de nossa época, colocando o mestre brasileiro entre os mais férteis espíritos criadores da atualidade. De sua imensa bagagem, destacam-se 16 “chôros”, 12 Sinfonias, 17 Quartetos de Cordas, 9 “Bachianas Brasileiras”, 4 Suites Sinfônicas “O Descobrimento do Brasil”, 5 Concertos para piano e orquestra, 2 Concertos para violoncelo e orquestra, 1 Concêrto para harpa e orquestra, estreiado no ano passado com grande sucesso em Nova York, além de inumeros Oratórios, Sonatas, Trios, Poemas Sinfônicos, obras co-

rais e para piano solo.

A personalidade marcante de Villa Lobos, definida não apenas pelo conteúdo eminentemente nacional de sua obra mas também pelas inovações de técnica, de linguagem e de instrumentação que apresenta, conferindo à sua música uma atmosfera sonora inconfundível, permite ao compositor a variedade imensa de estilos, a profusão de elementos díspares que convivem em sua produção, uma das mais amplas e heterodoxas da música contemporânea. Villa Lobos cria sob o imperativo de um impulso interior, jamais se prendendo a limitações de ordem técnica ou estética. “Puramente brasileiro em sua assombrosa energia, amazônico em sua fecundidade criadora, tropical, híbrido e desprendido — sempre avançando, jamais estacionando em sua profusão de estilos” — escreve Herbert Weinstock — Villa Lobos é bem êsse tumulto, essa imensidade, êsse transbordamento de que fala Ronald de Carvalho: é bem a imagem sonora do Brasil.

Villas Lobos é o primeiro compositor brasileiro a conquistar um renome realmente universal, convidado a realizar apresentações regulares de suas obras em todos os países do mundo, à frente das mais importantes orquestras, e agraciado com um sem número de títulos honoríficos, entre os quais os de Comendador de Honra, Comendador da Ordem do Mérito do Brasil, Membro Honorífico do Instituto de França, Membro Honorário da Academia Real de Santa Cecilia de Roma, da Academia Filarmonica Romana, Doutor Honoris-Causa da Universidade de Miami, da Universidade de Nova York e do Occidental College de Los Angeles, Senador das Olimpíadas Internacionais de Salzburgo, Membro Honorário da Academia de Belas Artes de Buenos Aires, da Academia de Letras e Artes de Nova York etc.



# ORQUESTRA SINFONICA BRASILEIRA

---

1958 — DÉCIMA OITAVA TEMPORADA — 1958  
SOB O PATROCÍNIO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

---

QUARTO CONCERTO DA SÉRIE NACIONAL  
Sábado, 23 de agosto de 1958, às 16,30 horas

---

TEATRO MUNICIPAL

---

## Programa

### FESTIVAL VILLA LOBOS

#### 1.<sup>a</sup> PARTE

PRELÚDIO das “*Bachianas Brasileiras*”, n.<sup>o</sup> 4, para orquestra de cordas

#### SINFONIA N.<sup>o</sup> 11

Scherzo (Molto Vivace)

Allegro Moderato

Largo

Molto Allegro

(1.<sup>a</sup> audição no Rio de Janeiro)

#### 2.<sup>a</sup> PARTE

EROSÃO — *Poema Sinfônico*

(“Sorinao u Ipirungaua” —

A origem do rio Amazonas)

#### CHOROS N.<sup>o</sup> 6

*Fantasia Sinfônica*

---

Regente: HEITOR VILLA LOBOS

---

#### PRÓXIMO CONCERTO:

*Amanhã, domingo, às 10 horas.*

FESTIVAL VILLA LOBOS.

Regente: VILLA LOBOS.

Solista: SÔNIA MARIA STRUTT.

# Notas sobre o Programa

## PRELÚDIO — Das “Bachianas Brasileiras” N.º 4

A série de 9 “Bachianas Brasileiras”, compostas entre 1930 e 1945, originou-se do conceito, expresso pelo compositor, de que Bach é o manancial folclórico universal, intermediário entre todos os povos. Em suas “Bachianas Brasileiras”, Villa Lobos realiza, comprovando na prática o seu conceito, uma audaciosa aproximação entre o mestre barroco e certos elementos rítmicos e melódicos característicos de nosso populário musical. A êsse alquimismo, de tão magnífico resultado, Villa Lobos terá sido levado não só pela admiração fervorosa que devota a Bach, como pela presença, em certas formas de nossa música tradicional, de elementos nitidamente barrocos — a exemplo de certas figurações simétricas de nosso “chôro” instrumental, da polifonia que resulta entre o canto, o “contracanto” e o movimento melódico dos

baixos em tantas páginas populares — elementos que se inseriram em nossa formação musical através das mesmas influências que se registram em nossa arquitetura colonial, de estilo igualmente barroco.

Em seu Prelúdio, das “Bachianas Brasileiras” N.º 4, orquestrado em 1941, Villa Lobos acentua a unidade de estilo com a obra de Bach através da utilização de uma orquestra mais próxima dos conjuntos instrumentais do século XVIII. A página apresenta, por outro lado, uma atmosfera nitidamente brasileira, sobretudo em certos trechos melódicos reminiscentes das introduções das antigas modinhas sertanejas.

O Prelúdio encontra-se gravado em disco Columbia (N.º 667) pela Orquestra da Radiodifusão Francêsa, sob a regência do autor.

## SINFONIA N.º 11

As 12 Sinfonias de Villa Lobos podem ser agrupadas em dois períodos, quanto ao estilo e à orientação estética geral: o primeiro, compreendendo as 5 primeiras Sinfonias, escritas entre 1916 e 1920, revela uma tendência programática, herança inevitável do fim do romantismo. As 5 primeiras Sinfonias apresentam, à maneira de título, uma idéia literária a servir-lhes de motivação: a 1.ª “O Imprevisto”, a 2.ª “Ascensão”, a 3.ª “A Guerra”, a 4.ª “Vitória” e a 5.ª “Paz”. A 6.ª Sinfonia, conquanto conserve ainda um título literário (“Sinfonia das Montanhas”), apre-

senta-se já como uma transição para uma fase em que iriam predominar as considerações mais puramente musicais. Com efeito, embora baseando certos contornos melódicos em gráficos que reproduzem as montanhas brasileiras, a “Sinfonia das Montanhas” já não pode ser considerada uma obra programática no sentido romântico, pois não “descreve” dramaticamente a idéia literária, mas antes a incorpora como parte integrante da estrutura sonora. A relação é gráfica, mais do que dramático-descritiva.

A partir da 7.ª Sinfonia, Villa

Lobos abandona qualquer consideração extra-musical, para ater-se aos compromissos puramente musicais implicados na forma eleita, concebendo a Sinfonia dentro do conceito clássico de estrutura sonora, conceito que superou, entre os compositores contemporâneos, o sentido programático que o romantismo emprestara a essa forma.

A Sinfonia N.º 11, que a Orquestra Sinfônica Brasileira tem a satisfação de apresentar hoje em primeira audição no Rio de Janeiro, foi es-

crita em 1955 por encomenda da Orquestra Sinfônica de Boston, em comemoração ao 75.º aniversário de fundação dessa importante entidade e em memória de Serge Kussevitzy. Foi executada em primeira audição mundial em março de 1956, pela Orquestra Sinfônica de Boston, sob a regência de Villa Lobos. Desde então tem recebido os mais entusiásticos aplausos em todo o mundo, apresentada sobretudo nos Estados Unidos e em outros países sob a regência de Charles Munch.

## EROSÃO (“Sorimao u Ipirungaua”) — A origem do Rio Amazonas)

Villa Lobos é um homem voltado à sua terra, atento aos seus mais variados aspectos, absorvendo a seiva das florestas, o humus da terra, a força das águas imensas, a plasticidade das montanhas, a beleza do céu, o canto dos pássaros e dos homens. E não apenas o canto e as dansas do povo, mas as suas crenças e as suas lendas, encontram-se refletidas na obras de Villa Lobos.

A música e as lendas ameríndias desde muito atraíram a atenção de Villa Lobos. Elementos musicais e literários autóctones têm frequentado com assiduidade o estro criador do mestre — nos poemas sinfônicos “Uirapurú”, “Mandú Çarará” e “Erosão”, nas suites do “Descobrimento do Brasil”, no bailado “Rudá”, nas canções “Mokocê ce-Maká”, “Nonzani-ha” e “Papae Curumiassú”, na 10.ª Sinfonia “Sumé Pater Patrium”, na “Sinfonia Ameríndia” etc. — para citar apenas alguns exemplos.

O poema sinfônico “Erosão”, que traz um subtítulo em Tupi-guarani — “Sorimão u Ipirungaua”, a origem do Rio Amazonas — foi composto em 1950, por encomenda da Sociedade Filarmônica de Louisville. A obra é ba-

seada numa lenda referente ao cataclisma do Vale do Amazonas e à elevação dos Andes, recolhida por Barbosa Rodrigues.

“Há muito tempo — reza a lenda — a lua estava enamorada do sol, que desejava desposá-la. Se isso acontecesse, a terra teria sido destruída. O ardente amôr do sol extinguiria o mundo e a lua, com as suas lágrimas, inundaria a terra.

Por essa razão eles não se casaram. A lua extinguiria o fogo e evaporaria a água.

Eles partiram. A lua chorou dia e noite e suas lágrimas correram sobre a terra até alcançarem o oceano.

O mar tornou-se tempestuoso, e assim impediu que as lágrimas da lua se misturassem com as suas águas. Durante uma metade do ano as águas sobem, e durante a outra metade elas descem.

As lágrimas da lua deram origem ao Rio Amazonas”...

O poema sinfônico “Erosão” encontra-se gravado em disco Columbia (N.º 4615), pela Orquestra Sinfônica de Louisville, sob a regência de Robert Whitney.

Villa Lobos iniciou a sua série de 16 “Chôros” em 1920, com uma peça para violão solo, bastante próxima das páginas simples que terá executado em seu período de seresteiro. Essa página serviu de ponto de partida para um conjunto de obras de grande importância, reunidas, não obstante a sua configuração e composição heterogêneas, sob o título comum de “Chôros”. A numeração dessas obras obedece a um critério artístico, partindo do mais simples para o mais complexo, mais do que a uma razão cronológica. Assim, o “Chôro” N.º 2 (“Chôros Bis”, para violino e violoncelo), foi escrito em 1929, posteriormente ao N.º 7, de 1924, e ao N.º 4, de 1926.

As formas e a composição instrumental dos “Chôros” não obedecem a qualquer padronização pre-estabelecida, aproximando-se ora do poema sinfônico, ora da sinfonia, do concerto, das Serenatas, concebido êste para dois instrumentos, outros para um grupo camerístico mais de-

envolvido, o seguinte para grande orquestra, para piano solo, piano e orquestra e câoro. Apenas a personalidade inconfundível do compositor e as mesmas características nativistas funcionam como denominador comum, capaz de conferir a essas 16 composições diversas a unidade que justifica a sua reunião num mesmo ciclo.

O “Chôros” N.º 6, que encerra o concerto de hoje, possui as características de uma fantasia para orquestra, em que predomina um generoso acento poético, envolvendo a página num clima de doce melancolia.

As melodias utilizadas por Villa Lobos nessa obra, não obstante serem criações originais do autor, são trespassadas de um claro sabôr popular — num dêsses frequentes mergulhos do criador solitário na alma coletiva, de onde extrai a seiva de que se nutre e que faz de sua voz uma síntese das vozes conjugadas de todo um povo.

(Comentários de Edino Krieger)

---

## ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA

Avenida Rio Branco, 135, grupo 918

Rio de Janeiro

—\*\*—

### DIRETORIA

Presidente — Dr. Arnaldo Guinle

1.º Vice-Presidente — Dr. Mário Pollo

2.º Vice-Presidente — Sr. Mozart de Araújo

1.º Secretário — Dr. José Gonçalves Bandeira

1.º Tesoureiro — Sr. Fritz da Câmara Luchsinger

2.º Tesoureiro — Sr. Carlos Guimarães